

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A GEOGRAFIA EXTRAPOLA O ESPAÇO DA SALA DE AULA

Daisy Maria Sehna

Boletim Gaúcho de Geografia, 26: 33-38, jul., 2000.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39291/26516>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2000

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A GEOGRAFIA EXTRAPOLA O ESPAÇO DA SALA DE AULA

Daisy Maria Sehna*

“A aprendizagem não é uma olimpíada de memorização. A idéia é fazer da reflexão crítica da sociedade uma atividade fundamental” (SHOR, 1987)¹.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma experiência realizada em meu estágio de ensino médio, graduação em Geografia, numa escola da rede estadual², em Porto Alegre, no primeiro semestre de 1999.

O assunto que estávamos trabalhando era o “Sul Subdesenvolvido”³, sendo que a abordagem que quero relatar é parte desse trabalho, mais precisamente o tópico sobre as características do subdesenvolvimento. Num primeiro momento, o referido assunto, que seria abordado de forma mais teórica, apenas com discussão de textos, artigos de periódicos e utilização de vídeo, “descambou”, por solicitação dos alunos (as), para um trabalho de campo muito rico, que possibilitou uma reflexão acerca de problemas sociais que afetam a nossa cidade.

UM BREVE RELATO

Vamos a campo?

Conversando com meu orientador de estágio⁴, coloquei que gostaria de utilizar um filme que pudesse exemplificar o que já havíamos trabalhado até então sobre o subdesenvolvimento, e me aproximar um pouco mais do cotidiano dos alunos(as). O orientador me sugeriu que investigasse se os alunos(as) já haviam assistido o filme “Ilha das Flores”⁵. Fiquei surpresa quando descobri que dos 35 alunos(as) presentes em aula, apenas três já conheciam o filme. Montei então o planejamento de acordo com o filme, sendo o enfoque: a miséria que ocorre em nossa cidade.

Antes de assistirmos o filme, questionei-os se conheciam às ilhas do Guaíba (90% da turma não conhecia). Localizamos no mapa de Porto Alegre as ilhas, bem como os bairros e ruas dos alunos(as), com o objetivo de que visualizassem que os

bairros não estão tão longe da Ilha das Flores, e dentro do município de Porto Alegre. Não deram muita "bola" para a localização da Ilha das Flores. Estavam super envolvidos em localizar suas ruas (muitos ficaram indignados pois não constava no mapa). Discutimos então, como a transformação do espaço na zona urbana se dá de forma rápida; o porquê de locais caracterizados no mapa como "vazios urbanos" estão ocupados; quais seriam alguns fatores que influenciaram essa transformação, tais como: perda de poder aquisitivo, desemprego, êxodo, aumento da população, etc.

Ainda assim, propus que anotassem as idéias, os conceitos importantes na definição do subdesenvolvimento e o que achavam que era ficção no filme que iriam ver. No segundo momento seria a discussão, o debate.

Assistimos o filme e os alunos(as) ficaram chocadíssimos. O debate foi muito bom, conseguiram trazer para a discussão a questão das relações capitalistas de produção, as desigualdades sociais e a má distribuição de renda. A discussão voltou-se também para a questão da natalidade, os métodos anticoncepcionais, a desinformação, a falta de planejamento familiar, bem como a falta de uma medicina preventiva (provavelmente não possuem de forma adequada nem a medicina curativa). Também questões relacionadas ao trabalho e a seguridade social (salário, previdência social, desemprego) geraram polêmica. Entretanto, o que mais abordaram foi a questão da extrema miséria – o lixo que não serve para os porcos acaba alimentando várias famílias. Surgiu por parte deles a intenção de visitar a Ilha das Flores⁶ para saber como está a situação atualmente, se piorou neste últimos dez anos⁷. A perspectiva que apresentaram é que sim, piorou, pois aumentou o desemprego. Lançaram a idéia de fazer uma campanha que envolvesse toda a escola para arrecadar gêneros alimentícios para levar à ilha. Dois alunos disseram que levar alimentos não melhoraria a vida dos moradores da ilha, porém outros argumentaram que pelo menos seria um paliativo para amenizar a situação.

Estabelecemos o roteiro das entrevistas (material em anexo), bem como as alternativas do trajeto a ser percorrido. As questões das entrevistas foram bem discutidas, até com disputas para definir quais as que permaneceriam no roteiro.

Foi grande a expectativa até o dia da ida a campo. Felizmente a saída de campo foi um sucesso. Os alunos(as) e a professora super empolgados. Quando chegamos à ilha, percorremos de ônibus um trajeto onde tinham mansões de um lado e a pobreza de outro. Depois paramos num local onde a situação de miséria era bem visível. Os alunos(as), em dupla, foram fazer as entrevistas. Mal tínhamos descido do ônibus, alguns já estavam batendo palmas nas casas para entrevistar os moradores. Outros fizeram mais do que uma entrevista, e vinham espantados me falar dos resultados: Eles tem 3 religiões. Está todo mundo desempregado. Para cada família entrevistada, deixaram uma "ranchinho", roupas e calçados (fruto da campanha realizada na escola). A população ficou super agradecida. Alguns moradores vieram até o ônibus para ver se tinha mais alguma coisa para receber. Solicitaram que nós voltássemos. Por sugestão dos alunos(as),

fomos visitar a única escola da Ilha das Flores, pois queriam trocar experiências. A escola é estadual e de ensino fundamental incompleto. Os meus alunos(as) entraram nas salas de aula, conversaram com as crianças e perguntaram sobre como era viver na ilha. Os alunos(as) da ilha mostraram-se muito receptivos. Falaram que quando chove muito a escola fica alagada, e até mostraram uma marca num poste de concreto da cerca, com a altura que a água atinge. Falaram que gostam de morar ali, pois tem praia e dá para pescar. Algumas alunas chegaram a “ensaiar” uma aula com as crianças, a partir do que estava escrito no quadro. Foi uma experiência muito legal, tanto para mim, quanto para eles, pois até querem voltar lá. Disseram que vão fazer uma campanha maior na escola, com mais tempo, para arrecadar mais coisas e no final do ano irão voltar. Acredito que, por mais que seja um tanto quanto assistencialista a proposta deles, torna-os mais solidários e preocupados com as questões sociais. Além disso demonstraram uma postura crítica em relação ao atual “status quo”, o que pode levar a contribuir na transformação desta realidade.

Fizemos um “fechamento” do tema – Subdesenvolvimento – fazendo uma relação entre a teoria vista nos livros e periódicos com o que foi observado no campo, através de quatro eixos que deveriam ser analisados conjuntamente pela turma:

- diferença espacial entre os diferentes lugares do trajeto percorrido;
- percepção/opinião sobre as entrevistas;
- validade ou não da saída de campo;
- o que tem a ver a saída com a Geografia.

A discussão foi muito interessante, não só colocaram a diferença em termos de paisagem dos diferentes lugares, bem como a questão da distribuição das áreas de alguns eixos/avenidas percorridos em: residencial, comercial, industrial. Também foi abordada a questão da desigual distribuição de renda e o também desigual acesso a bens fundamentais, principalmente no que se refere a saúde, habitação e a educação.

Disseram que adoraram “sair” da sala de aula e que muito mais importante do que “viverem a Geografia nos livros é vivê-la na vida real”. Achavam a Geografia monótona, sem vida, e não faziam relação de que vivenciamos a Geografia a todo momento. Quanto aos relatórios, foram riquíssimos. Uma dupla, por exemplo, além de citar todo o trajeto percorrido, fez um “mapa”, localizando as principais ruas/avenidas. Relacionaram a pobreza da ilha à má distribuição de renda do Brasil, ao desemprego e ao acesso negado à educação. Foram trabalhos enxutos e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta experiência que relatei, tento mostrar como ao propor atividades, o professor deve “cuidar” para que sejam desafiadoras, que provoquem a investigação e a curiosidade de aprender e que essa aprendizagem seja realmente significativa. O professor tem o papel de “problematizador” e não o de “transmissor de conhecimentos”.

Acredito que a aprendizagem se dá na interação, no diálogo constante entre professor(a), alunos(as), realidade local e conhecimentos universais, ou seja, através de uma educação dialógica. É através de um trabalho de construção de conceitos, que os alunos(as) constroem os conceitos necessários para agir sobre a realidade, para que possam intervir nela de forma mais consistente, e, conseqüentemente transformar a sociedade. A partir da realidade dos alunos(as), como observadores críticos do meio em que vivem, os levamos a construir esses conceitos significativos e não apenas a reprodução, o que levaria a acomodação e a conservação do “status quo”.

Por isso, esta experiência do trabalho de campo foi tão rica, levou os alunos(as) da turma 212 a refletirem sobre questões tão sérias e tristes de nosso país e que estão tão presentes em nossa cidade. De acordo com Biddle apud PICOLI (1996, p. 174)⁸,

“(...) aspecto importante que deve ser considerado no desenvolvimento de conceitos é como o estudante percebe o seu ambiente... Por isso é importante que o professor ponha a disposição do aluno aquelas experiências que promovam a sua percepção do meio ambiente e deste modo facilite o desenvolvimento de conceitos... Neste ponto a importância do Trabalho de Campo no ensino torna-se óbvia”.

Com tudo isso, esta experiência me ajudou a reafirmar ainda mais o meu compromisso enquanto professora de Geografia e refletir sobre a minha prática. O meu papel enquanto uma educadora “problematizadora” que tem a função de desenvolver o debate crítico, potencializando os alunos(as)/cidadãos a dialogar com a realidade, visando intervenções transformadoras. Tentar desenvolver na prática, qualidade na educação, com participação, autonomia, cidadania, onde os alunos(as) busquem seus direitos não só na escola, mas sobretudo na vida.

ANEXO

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Monsenhor Leopoldo Hoff – Geografia – Professora Daisy – Turma 212

Saída de campo para a Ilha das Flores – 07/07/99

- Roteiro do trajeto (principais avenidas, auto-estrada, a zona urbana, o aces-

so à ilha através da ponte, etc.) observando o mapa de Porto Alegre e a paisagem durante a viagem;

- Entrevista com moradores a partir do roteiro construído em sala de aula (a abordagem deve ser respeitosa, explicando o motivo das entrevistas – em duplas):

1. Nome e idade do entrevistado.
2. Quantas pessoas moram na mesma casa (idades).
3. Quem trabalha? Em que? Renda?
4. Já teve mortes na família? Morreu de que?
5. Faz alguma coisa para evitar filhos? O que?
6. Quem sabe ler e escrever na casa? Quem estuda? Se não estuda por quê?
7. Moram há quanto tempo aqui? De onde vieram? Última moradia antes daqui?
8. Quais as coisas boas daqui? E as ruins?
9. Frequentas alguma religião? Qual? Por quê?
10. O que achas do governo ? (ver se conhece as diferentes instâncias; se conhece o Orçamento Participativo)
11. Existe algum movimento de organização dos moradores desta vila? Qual?
12. O que pretendes para o futuro?
13. O que tu gostarias de colocar além do que já foi conversado?

• Construção do relatório da saída de campo, onde deverá estar contemplado o roteiro do trajeto e a entrevista realizada. A dupla deverá também fazer um “gancho” do que foi estudado sobre o subdesenvolvimento e a realidade conhecida/observada na ilha, como conclusão do relatório. **Entrega dia 13/7/99.**

• Socialização das entrevistas, debate/discussão do que foi observado, fazendo um fechamento da unidade referente ao Sul-subdesenvolvido (dia 13/7/99).

*Graduada em Estudos Sociais-PUC/RS – Graduada em Geografia/UFRGS – Professora de Geografia e História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre na Escola Municipal de 1º Grau Chico Mendes. Endereço: Rua Menachem Begin, 46/301 – Bairro Jardim Planalto – CEP 91220-630 – Fone: 347.5097/9901.1309

Agradecimentos: aos alunos da turma 212 que são co-autores deste artigo, bem como o professor Nestor Kaercher.

¹FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. Medo e Ousadia – O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (p.110).

²Escola Estadual de 1º e 2º Graus Monsenhor Leopoldo Hoff. Turma 212 – 2º ano/Ensino Médio.

³A professora titular me deu total liberdade para trabalhar o que quisesse, porém, como os

alunos tem um livro (que não é barato), não achei justo descartá-lo (Sociedade e Espaço – VESENTINI, J. William). Iniciei o planejamento pensando em trabalhar o Sul-subdesenvolvido, pois tinham trabalhado o Norte-desenvolvido, para posteriormente fazer um gancho com a globalização e de que forma ocorre nos países subdesenvolvidos.

⁴Professor Nestor André Kaercher – Professor da UFRGS – Faculdade de Educação

⁵O filme é uma produção gaúcha e mostra de forma didático/irônica, o trajeto percorrido por um tomate, da lavoura até a casa do consumidor e o seu posterior descarte em um lixão Ilha das Flores; onde depois de servir de alimento aos porcos, o chiqueiro é “aberto” para que pessoas “catem” comida. Aparecem claramente relações capitalistas de produção/comercialização, relações de exploração do trabalho, má distribuição de renda e miséria extrema.

⁶Grande parte das filmagens ocorreu na Ilha Grande dos Marinheiros, e, mesmo sabendo disso, também quiseram visitar a Ilha das Flores. Sempre que me referir a Ilha das Flores, lê-se as duas Ilhas.

⁷O filme Ilha das Flores tem aproximadamente 10 anos.

⁸PICOLI, Sumaia Goulart. Trabalho de campo – uma metodologia alternativa no ensino da Geografia. In: Boletim Gaúcho de Geografia (Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seção Porto Alegre). Porto Alegre, RS, Brasil, 1973 (p.174).